



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

No dia 28 de Setembro, em reunião extraordinária da Câmara, foi aprovado o Plano Director Municipal de Esposende. Como se sabe um PDM constitui um elemento fundamental para o ordenamento do respectivo concelho.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL

Com a aprovação do Plano Director a Câmara de Esposende — a primeira no Distrito a aprová-lo e uma das primeiras no Norte a fazê-lo — vem disciplinar a utilização do seu território, prevenir e evitar situações de desordem urbanística, traçar, dentro de uma certa óptica, as linhas mestras do desenvolvimento industrial, agrícola e turístico com vista a obter-se um crescendo harmonioso em todo o concelho.

Se nos permitem a liberdade de linguagem, um PDM é assim a modos de uma Constituição concelbia contra a qual nenhuma disposição futura terá razão de ser. O que está escrito, está escrito. Já foi lido, discutido e aprovado pela Câmara Municipal e agora será a lei maior que nem o dinheiro nem a filiação partidária podem ultrapassar. É uma defesa para os munícipes e um escudo para os edis.

Certo é que falta ainda a ratificação do Governo que no entanto será positiva como se espera.

OBVIAMENTE

Sr. Saraiva:

«Afinal por quem é que o sr. está? Hoje pela Tininha, amanhã por Alberto Figueiredo: como é?»

Assinatura ininteligível (1)



É por Fão, meu senhor. Por convencimento entendemos que um jornal, não previamente arregimentado, não pode ser por ninguém a não ser que esse ninguém se identifique com a verdade, com o caminho certo. **A priori** «O Novo Fanguero» está ao lado de tudo aquilo que lhe pareça o bem da terra. E o que nos parece ser o bem da terra é de facto o seu (dela) bem?

É evidente que pode haver aqui um resvalar para a subjectividade e assim temos que aceitar que aquilo que se entende como benefício para uns, pode não ter essa acepção para outros. A diversidade da escolha radica na diversidade da própria maneira de ser. O nosso carácter, o nosso temperamento, a nossa personalidade acabam por ser a resultante de vários factores que tendo por base os cromossomas, a hereditariedade, os genes, se vêem acrescidas da educação, da saúde, da posição que cada um ocupa na escala social, etc. Não há igualdade de feitos, há parecenças e há dessemelhanças. A partir daqui, a maneira de agir de cada pessoa depende da sua maneira de ser. É até por isso que existem vários partidos.

Ora uma coisa é actuar de pós si, como se expressava Garrett, outra é actuar em função de outrem. De outra maneira: tudo o que entendemos ser a bem de Fão terá o nosso aplauso, independentemente de o autor da iniciativa ser A ou T. Não está em causa a pessoa muito menos o partido. Está em causa, sim, aquilo que a pessoa faz, aquilo que a pessoa conseguiu. Vamos concretizar: para nós (e não para toda a gente) a Pousada da Juventude é uma realização que deve ser aplaudida com todas as mãos. É, digamos, o quarto hotel de Fão. O responsável por tal vinda, seja quem for, merece o nosso aplauso. O mesmo aplauso vai direitinho para quem facilitou a realização dessa já célebre boite que se chama Pachá. Dizem-nos que ocorreram facilidades para a sua implantação. Ótimo. Bem aventurado o seu facilitador. Pois se nós defendemos, desde sempre, que as entidades deveriam arranjar e ceder terreno a quem pretendesse implantar aqui um novo hotel, como é que não aprovaríamos a «facilitação» concedida ao homem que criou na terra a quinta maravilha turística?

E mais: se acaso a Junta tiver o arreganho de adquirir a casa hoje pertencente aos Esteves e que outrora ia sendo conseguida pelo Eng. Losa, bem aventurado fique quem contribuir para essa fantástica aquisição. Seja quem for. Venha de onde vier. **O bem da terra acima de tudo!...**

Creemos ter dado a resposta exacta ao brinçalhão que nos questionou sobre de que lado estávamos: ao lado de Fão, obviamente.

(1) este foi o texto de uma carta que nos foi ultimamente remetida.

O MOINHO DA SAUDADE

(Cont. da pág. 8)

Depois de um período de reflexão, caminhei no sentido da capelinha de S. António.

Atravessei a estrada nacional e enveredei pelos velhos caminhos e detive-me em frente da pequena ermida, contemplando a sua fachada, dando particular atenção, àquilo que alguns entendidos dizem ser o antigo brasão de Fão.

Depois desviei o olhar para o meu lado direito, indo ao encontro de uma velha construção meio escondida pelo silvado e salgueiros que a tentam ocultar.

As recordações da infância apoderaram-se de mim, e, sem saber como, ia eu caminhando pelo estreito carreiro que antigamente dava acesso ao velho moinho de água.

Não confundamos moinho de água com azenha. A azenha caracteriza-se,

pela sua enorme roda que funciona por fora da construção, roda essa que trabalha na vertical.

Quanto ao moinho de água, o seu funcionamento assemelha-se mais à roda do oleiro; trata-se de um disco que trabalha na horizontal onde incide um jacto que o faz mover. Este, por sua vez, transmite para cima o movimento à mó.

Neste caso, a água passa dentro da construção e não ao lado como nas azenhas.

Ao chegar à velha construção, fui invadido por um sentimento de tristeza e nostalgia.

No seu interior mora um emaranhado de silvas que não permite a entrada a ninguém. Mesmo assim, pode-se observar o percurso que a água percorria no seu interior.

Hoje as silveiros que conduziam a

água para o velho moinho estão todos secos, como que solidários com o seu velho companheiro moinho. Nos meus ouvidos julgo ainda ouvir o cantarolar das águas que davam vida àquela construção.

O moleiro encostado à ombreira da porta recebendo com sorrisos as moçoilas que lá iam levar o seu cereal. Por momentos julguei-me novamente criança, mas não me restava outra solução que não fosse voltar à realidade.

Tomei o caminho de regresso e a meio do estreito carreiro olhei para trás.

Já não ouvia o cantarolar das águas, nem via o seu moleiro à porta esperando as freguesas.

Apenas existiam velhas paredes, e a saudade daqueles que há muitos anos atrás eram crianças.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

CAMPEONATO DE HOVERCRAFT

Ultimamente a nossa terra, ou melhor, o nosso rio, tem sido palco de provas de Hovercraft que tem trazido a Fão bastantes pessoas, quer nacionais quer internacionais.

Nos dias 3, 4 e 5 realizaram-se as provas da Taça da Europa. Nos dias 10 e 11 foram cumpridas as provas Internacional Sopete.

Resultados das últimas provas: Fórmula 1: Andreas Feulnei; Fórmula 2: Walter Vogel; Fórmula 3: Roger Allman; Fórmula S: Kevin Bedsworth; Iniciados: Keneth Dahlgreen; Junior: Richard Dahlgreen; Campeonato Nacional: Ricardo Ribeiro; Open Race: Jonhan Feulner.

N. B.: — Como é lógico estas provas têm trazido algumas pessoas a Fão. Os restaurantes acusam um movimento anormal. Só quem não sai muito beneficiado são as gaivotas e os patos cujos domínios tem sido devassados.

AS PRIMÍCIAS LITERÁRIAS DE ARMINDO DUARTE

O nosso prezado amigo Armindo Duarte editou um pequeno opúsculo intitulado «O Correio de Viana do Castelo» dos primórdios a 1938 (algumas notas como subsídio para a sua história) e teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar.

Lêmo-lo e duma coisa ficamos certo: o autor trata-se com muita humildade e logo na advertência que faz ao leitor e ainda no frontespício da obra afirma que este opúsculo apenas pode «quando muito, constituir um *subsídio* para a história dos Correios de Viana. E essa humildade/seriedade vai ao ponto de confessar que muito do livro ora publicado se deve a várias notas coligadas pelo Chefe de Repartição dos CTT Godofredo Alberto dos Santos Ferreira que lhas cedeu. O restante foi trabalho

de pesquisa feito pelo autor desde 1972.

Inicialmente Armindo Duarte faz a história dos correios em geral como técnica de transmitir notícias a outrem. Depois avança para os primórdios dos correios em Viana e com metodologia histórica rigorosa afirma que «o Correio em Viana do Castelo teria o seu início entre 1608 e 1624. E diz porquê. Até nos parece o nosso saudoso Professor Damião Peres a concluir no seu livro «Como nasceu Portugal» em que altura D. Henrique tomou conta do Condado Portucalense.

Depois segue-se de um maneira sintetizada a história dos correios portugueses, o de Viana a seguir, com a série dos seus correios-mores que principia com Gaspar de Noronha e vai até Raúl Tomaz da Costa que é o 13.º e último.

Por fim dá-nos um acervo documental, referente aos Correios e cita a bibliografia consultada. O estilo é agradável e a obra lê-se com interesse e curiosidade.

PAGARAM A ASSINATURA

1986/87/88/89 — Dr. Eugénio Proença Fernandes, Póvoa de Varzim, 2000\$00. 1990 — D. Maria da Conceição Torrinha Cardoso, Guimarães, 1000\$00. 1990/91 — António Francisco O. F. Carreira, Fão, 1500\$00; Jorge Fernandes Mattas Sequeira, Lisboa, 1500\$00. 1991 — Joaquim Morais da Silva, Lisboa, 750\$00; Francisco Fernando Faria da Silva, Holanda, 1000\$00; Amadeu Vassallo da Costa, Fão, 750\$00; Manuel Elias Ferreira Graça, França, 1000\$00; Armandó Reis, Fão, 750\$00. 1991/92 — Luís Eduardo Matos Nogueira Nunes, Porto, 2000\$00; Adelino Gomes de Amorim, Guimarães, 2500\$00; Augusto Cândido Paula Gonçalves, Fão, 1500\$00; Dr. Jorge Basto, Porto, 2000\$00; António Barros Peixoto, Fão, 1500\$00; Dr. Rui Esteves, Porto, 2000\$00. 1992 — Manuel da Cruz Pimenta, Fão, 1500\$00; Jaime Maria Vinha dos Santos, Porto, 1000\$00; D. Carmen Maria Mendonça Silva, Fão, 1000\$00; D. Esménia Sá Pereira, Fão, 750\$00; D. Aída Maria Correia Mendes, Porto, 1000\$00; Dr.ª M.ª Teresa Mariz Dias Ferreira, Aveiro, 1000\$00; Prof. D. M.ª Belmira Mariz Dias Ferreira, Valongo, 1000\$00.

(Continua na pág. 10)



Um concorrente em plena prova do Hovercraft

INGE, A CRIANÇA AUSTRIACA, ENTRE NÓS

Chegou ao Hotel Ofir era já noite. Mas isso não importava. Tinha que sair, tinha que ver a casa onde se acolhera há precisamente 42 anos, tinha que saber quem vivia na casa que foi do «papá» e da «mamã».



A INGE aos sete anos em Fão

E assim, na companhia de uma amiga deslocou-se até ao centro de Fão. Reconheceu as ruas, o Correio, o largo da Praça, lugares muito queridos, onde durante dois anos serpenteou a sua meninice. Essa tempo, esses momentos, essa parte da sua vida ficaram-lhe gravados a fogo na memória e no coração.

Foi depois postar-se em frente à casa pegada ao Correio. «Meu Deus!», exclamou. Havia lá dentro luz, havia portanto gente, o que significava que os seus

«familiares» estavam ali, estavam vivos. Era, porém, noite e ela não quis incomodar. Regressou então ao hotel mas quase não dormiu. Manhã cedo do outro dia, volta a Fão, de novo com a amiga. Coração em alvoroço bate à porta. Um vulto aparece à janela.

«Lindinha!?» grita, interrogando, a forasteira.

— Oh!... A Inge, meu deus!... E acto continuo a Idalina Cardoso Torres desce as escadas para cair nos braços da querida e saudosa Inge que estivera na sua casa há quarenta e tantos anos. Nunca mais se viram. As lágrimas foram o manto de saudade que envolveu aquelas duas criaturas.

TEMPOS DE CRISE

Estava-se em finais da década de 40. A Europa acusava os efeitos de uma guerra cruenta que matara milhões de pessoas. A Áustria, ocupada durante vários anos pelos soldados do reich, lentamente se soerguia dos escombros. A Cáritas, organismo internacional de filantropia, solicitara o apoio das nações para acolherem em seu seio crianças necessitadas. Portugal, país que se salvara da guerra, abriu as suas portas. Algumas crianças foram recebidas por famílias portuguesas e entre elas Inge Muhlbacher que ficou em Fão, na casa de Albino Torres.

Foi o «ai Jesus!» que lhes apareceu. Para a pequena Inge aquilo assemelhou-se a um sonho maravilhoso que durou quase dois anos. Foi tratada com todos os requintes. Frequentou inclusivé a escola da D. Zulmira. Lentamente as palavras portuguesas foram cimentando a sua estrutura memorativa. E a afeição das pessoas que lhe deram guarida ligou-a à terra num abraço indestrutível. Toda a gente em Fão conhecia a Inge. Era uma princesa.

O RETORNO

Entretanto o plano Marshall provocava os seus efeitos benéficos. A Europa desmantelada recuperava lentamente e as crianças, alojadas algures, voltaram aos pátrios lares. Assim chegou a vez da Inge que muito saudosa abalou para a terra natal. A saudade passou também a morar na família Torres. Cartas circulavam de lado para lado. A princípio mais frequentes, depois mais espaçadas.

A morte não se esqueceu de fazer a sua razia na família portuguesa. Morreu a «mamã» Rosália, depois o seu companheiro de muitos anos. Chegou a vez também do filho Albino, seguido anos depois, da esposa Irene e, mais tarde, do irmão Abel que se encontrava no Brasil. O António fixou-se em França e a Adozinda abalou para Braga; a dr.^a Ró calcureou as andanças do marido, a

Zairinha sediou-se nas Pedreiras e a Idalina casou-se para o Brasil.

Assim ficou deserta a casa mãe, a Casa Grande, animada, no entanto, em alguns fins de semana, nas férias também, e em certos períodos quando o casal Idalina/Carlos Cardoso resolve vir matar saudades a Fão, como acontece neste momento.



As três irmãs: dr.^a Ró, Idalina e Laidinha

Lá na Áustria a Inge casa-se, torna-se mãe de dois filhos e acaba por ficar viúva. Apesar de algumas «demarches» infrutíferas, perde-se-lhe o rasto.

REENCONTRO

Estavam as coisas neste pé, quando a Inge recebe de sua filha, casada na Alemanha com um advogado, a oferta de umas férias no Hotel Ofir, em Portugal. Exultou naturalmente com esta dádiva, uma vez que este país dizia-lhe muito. Uma parte do seu coração ficara lá. Metete-se num avião com uma amiga, desembarcam em Pedras Rubras e de carro



A importância de ser director do jornal

seguem para Ofir. Surpresa das surpresas: o Hotel ficava em Fão. O resto já o leitor o sabe. A Inge esteve com os «seus». Cho-

(Continua na pág. 8)



Com o «papá» Albino e a «mamã» Rosália

DE APÚLIA

FALECIMENTOS - No lugar da Areia, em 22 de Julho, último, faleceu Abel Rebelo Machado, casado com Prazeres Martins Ferreira, nascido em 8 de Julho de 1939. Era filho de Adelino Gomes Machado e de Eulália Rodrigues Ferreira Rebelo.

— No dia 30 do mesmo mês, no Lugar de Paredes, faleceu a Senhora Esperança Gonçalves Marcos, nascida em 9 de Abril de 1906, solteira, filha de Joaquim Gonçalves Parcos Junior e de Maria Fernandes Torres.

— No lugar de Criad, faleceu no dia 1 de Agosto, o senhor Manuel Lopes de Sá Vilas Boas, filho de Manuel de Sá Vilas Boas Faria, e de Erminda Lopes Barros. O extinto, que nascera em 23 de Março de 1918, era viuvo de Amélia da Silva Moreira.

— Vítima de acidente, faleceu no Lugar de Criad, onde residia o jovem Manuel Adelino Carvalho Moreira, filho de Manuel Rolo Gonçalves Moreira e de Maria de Fátima Regado de Carvalho. O acidente, que vitimou este jovem, nasceu em 11 de Dezembro de 1978, verificou-se na Estrada Nacional 13, em frente à capela de S. Bento, lugar fatídico onde já pereceram muitas pessoas.

— No lugar da Igreja, em 16 de Agosto, e depois de longa enfermidade, faleceu a Senhora Adelaide Fernandes Moreira, nascida em 28 de Novembro de 1906, filha de Joaquim Luis Dias Capela e de Albina Fernandes Moreira.

Era viuva de Adelino Fernandes Eiras, um dos últimos regedores de Apúlia.

— No dia 17 do mesmo mês, faleceu no Lugar de Areia, o senhor Adolfo Lopes Ribeiro, casado com Gracinda Alves Dias. Era filho de Manuel Gomes Farinhas e de Ana Lopes Ribeiro, tendo nascido em Apúlia, no dia 20 de Dezembro de 1914.

— No Hospital de S. João, Porto, vítima de acidente de viação, faleceu também em 17 de Agosto, o senhor, Manuel Torres Mauricio, viuvo de Irene Rebelo Gonçalves Ribeiro, filho de Manuel Gomes Mauricio e de Palmira Gonçalves Torres. Era natural da freguesia de Fonte-Boa deste concelho, e residia no lugar de Paredes, de Apúlia.

— Em 26 do mesmo mês de Agosto, faleceu o senhor José da Silva Loureiro, casado com Elvira Fernandes da Silva. Residia no lugar de Criad, e era natural da freguesia de Milhazes, concelho de Barcelos, onde nasceu em 12 de Fevereiro de 1912, filho de Manuel José Loureiro e de Rosa Luis da Silva.

Para todos os familiares destes nossos conterrâneos, aqui deixamos os nossos pêsames.

Para o Senhor Adolfo Moreira Fernandes Eiras, residente no Brasil, e assinante deste Jornal, também aqui deixa o «Novo Fanguero», o seu cartão de profundo pesar.

CAPELA DA SENHORA DA CARIDADE — Abandonada já há anos, está a beneficiar de importantes melhoramentos, esta pequenina Capela, do lugar da Igreja. Os telhados, as madeiras, as paredes e os tectos vão ser substituídos ou revestidos com novas massas. Parece que depois de pronta, vai ser utilizada como Capela Mortuária, medida que é de elogiar. Finalmente que Apúlia vai seguir o que há muito se faz nas terras mais civilizadas, velando os seus mortos numa Capela, preparada para esse fim. O estatuto de Vila também tem de ser assumido neste particular, sem olhar aos habituais pruridos dos «velhos do Restelo». A medida, mais do que profiláctica, é absolutamente necessária. Apúlia é muito grande, e as casas de habitação encontram-se muito dispersas, das «Pedrinhas» e do mar até aos limites geográficos de Barqueiros e Estela. E nem todas as residências, porque são pequenas ou em apartamentos, têm condições para velar congnidamente os seus mortos.

Como em tudo que é inovador, também aqui vão aparecer algumas resistências. Mas por pouco tempo.

O VERÃO — Mais um Verão que terminou. O Inverno já vem a caminho, sente-se nas manhãs mais frias, e no sol, que já não aquece...

A afluência de veraneantes em Apúlia, talvez tenha sido menor do que nos últimos anos, muito contribuindo para isso a proibição do chamado «campismo selvagem».

Mesmo assim, sem recelo de desmentido, porque corremos todas as Praias do Concelho em pleno pino do mês de Agosto, podemos afirmar que Apúlia só, teve o dobro de veraneantes de todas as restantes Praias esposcendenses.

Lá sabemos que nos podem contradizer argumentando com a qualidade, o que até será certo. Mas isso também pode ser uma falsa questão. Não é verdade que vale tanto o «voto» do Doutor como o do operário?...

— Com as marés vivas do mês de Agosto, desapareceu parte do areal da Praia de «Couve». As rochas, como no Inverno, já espreitam por toda a Prala, da «Cruz» ao «Furado», o que é desolador e mais um sinal da proximidade de outro Inverno.

— Nas «Pedrinhas», o mar também provocou estragos nas dunas. O lago que ali se formou depois da construção do famigerado Esporão, continua a crescer, agora mais lentamente, mas inexoravelmente. Que ninguém duvide.

MODERNIDADE — Um melhoramento público, para uma terra como Apúlia, que se diz depender em grande parte do turismo, também o será um novo restaurante, um novo hotel, ou uma residencial. Será difícil compreender isso?... Ou será difícil aceitar isso!... Talvez as duas coisas para quem não quer ver para além do seu umbigo...

Pois sem se dar por isso, sem inaugurações nem festas, Apúlia, graças à iniciativa privada, sem auxílios nem subsídios, a fundo perdido dispõe hoje de modernas unidades hoteleiras, Restaurante, Snack-Bar, Pastelaria e Hotel, que complementam a Residial San Remo, também ela ampliada e modernizada, e que já vinha prestando bons serviços ao turismo apuliense há alhuns anos.

Estão de parabéns Apúlia e os seus proprietários, que não tiveram medo de «enterrar» ali umas centenas de milhar de contos.

FESTAS DE APÚLIA — Com muita qualidade e brilho, que o tempo também ajudou, realizaram-se em Apúlia as Festas em honra da Senhora do Amparo, em Criad, e da Senhora da Guia, na Prala.

Com muitos e bons programas, e com grande afluência de forasteiros, elas vão-se melhorando de ano para ano.

Integrado nas Festas da Senhora da Guia, realizou-se o habitual Festival de Folclore Internacional, este ano com a particularidade da presença de um «Rancho» brasileiro, imagine-se, fundado e dirigido por um português... de Apúlia.

OPINIÃO GENERALIZADA — Um correspondente de um jornal não pode deixar de reflectir uma linha de comportamento que vá ao encontro da opinião generalizada da maioria das pessoas da terra que representa. Mesmo assim, sabe-se, agrada a uns e desagrada a outros. É dos livros.

São esses os princípios que há muitos anos seguimos, neste e noutros jornais onde temos, colaborado ou colaboramos ainda. É a fidelidade a um modo de ser que inevitavelmente propicia malquerenças, e incompreensões.

Duma coisa importante muito nos honramos: escrevemos de «borla», sem paga de ninguém, por «amor à camisola», o que, sabe-se, nos tempos que correm, até é ser pouco inteligente. E assim continuaremos.

O que temos escrito, louvando ou criticando, é feito na convicção de que assim convinha (ou convém a esta terra e ao seu povo.

INGE, a criança austríaca, entre nós

(Continuado da pág. 3)

rou lágrimas de alegria. Fez chorar os seus anfitriões mas recuperou a felicidade de outrora.

Bem, depois foram só mimos. Ela esqueceu o português mas a amiga falava o italiano e o dr. Fonseca entendia-a bem. Formou-se assim uma «entente» onde a boa disposição imperou. Foram efectivamente dias de muita alegria de passeios — a Fátima (a seu pedido), a Guimarães, a Viana e a Braga onde quis ver o «padre» Solinho. Ainda se lembrava. Ainda a seu pedido visitou a sua antiga professora D. Zulmira a quem mostrou o livro da 1.ª classe que tem guardado religiosamente na sua casa em Áustria. Aliás a Inge trouxe na bagagem todas as fotografias que lhe foram tiradas durante a sua estada entre nós, bem como todas as cartas que daqui lhe enviavam. O António, em Nantes, estava impaciente. Os telefonemas não paravam. Ele foi companheiro de criança da sua hóspede.

Na sexta, dia 25 de Setembro, o Adelino Saraiva ofereceu uma sardinhada onde também estivemos. Foi a última ceia. Inge e a amiga partiram no dia seguinte. Ficamos de lhe mandar o jornal. Vai ser mais uma ponte de amizade.

Aufwiedersehn, Inge.

O SEU A SEU DONO

No último «O Novo Fanguero» saiu uma entrevista com um canoista que é filho do responsável da página desportiva João Pedras. Quem leu atentamente o texto, concluiu que não foi o pai o entrevistador. Mas às vezes as pessoas lêem em diagonal e alguma coisa escapa. A entrevista foi conduzida efectivamente pelo Director de «O Novo Fanguero» e o nosso colaborador limitou-se a lê-la quando o jornal lhe chegou às mãos.



PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Cá está o Outono, com a sua aragem fresca, as suas folhas douradas a cair das árvores e também novos conhecimentos, novas amizades. Já estamos em aulas. vamos em frente!

CHOVE

Por MARTA MARIZ MENDES

Está a chover. E chove sobre todos, sobre tudo.

As gotas de água deslizam em fios e percorrem as ruas. Sem obstáculos. E não importa o que se passou nelas.

Não interessa se o Mundo está em guerra, se milhares de crianças e pessoas de todas as idades padecem de fome e sofrimento. É facto sem relevância aclamarem tal sujeito, ou explorarem seres humanos, ou até cometerem atrocidades contra os que nos rodeiam. É indiferente que o ser humano sorria ou chore.

Chove sempre. Chove sempre da mesma maneira. E não interessa que o homem exista ou não.

O que seria de nós se não chovesse, ou se o sol não nascesse todos os dias, se não houvesse ventos ou trovoadas? quem nos mostraria o imenso tamanho da nossa insignificância? Quem revelaria a grande derrota que a Natureza nos inflige?

E, batalha após batalha, o Homem tenta vencer esta Guerra de milénios. No entanto, por maior que seja o génio científico ou filosófico, ele nunca vai ser tão inteligente a ponto de compreender que a Natureza nunca se deixará guiar por ele.

O Homem luta por uma causa perdida.



DESENHO DE ISABEL M.

*Dormia em paz,
Junto do regato manso da paixão,
Sobre a relva fresca
Dos meus sonhos.*

*Mas os homens
Choram as suas lágrimas
Sobre o meu rio,
Que transbordou.*

*E se tornou
Mais real,
E me acordou,
Para viver o sonho.*

*E, afinal,
Sofrer com
O pesadelo
Em que se tornou.*

*E agora sofro com os outros homens
Nesta Humanidade perdida
E sem razão de viver.*

No manicómio. Dois malucos discutem acerca das cartas anónimas.

Um diz:

— São uma coisa horrível! Uma covardia! Dizem mal, insultam, e não têm coragem de assinar, para a gente não saber quem são! Covardes!

— Pois é! — concorda o outro calmamente.

— O quê! — volta o primeiro. — Tu não ficas indignado ao receberes uma carta anónima?

— Eu não, porque eu vingo-me. — responde o outro.

— Vingas-te??? Como???

— Não lhes respondo — replica o doido calmamente.

★

Num jardim, um par de noivos passeia romanticamente de mão dadas.

A certa altura ele murmura:

— Que bom, minha querida! Já falta pouco tempo para o nosso casamento! Então, passaremos a caminhar juntos a longa estrada da vida!

— O quê! — insurge-se ela, retirando as mãos das dele. — Vamos ter de caminhar? Seu mentiroso, que me tinhas prometido que, quando casássemos, ias comprar um autómóvel!

UMA ROSA

Guardei, por muito
Tempo,
A rosa branca
Que me atiraste
Com um beijo.
Para mim foi um
Sonho
Que subia em vagas
Fortes aos meus olhos.

Secou a rosa, e,
Em suas pétalas
Já mortas,
Guardou só e apenas
Estas notas.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

CRONOLOGIA DE FÃO

CONTEÚDO DO RELATÓRIO DE GERÊNCIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA, HOSPITAL E ASILO ANEXOS, NO TRIÉNIO DE 1925 A 1928

Ao terminar daquele triénio, a Santa Casa elaborou, embora resumidamente, um relato de sua gerência, em obediência ao 1.º artigo de seus estatutos.

Como toda a gente sabe, estas casas de «Caridade», tinham grandes dificuldades financeiras, devido em parte, senão em tudo, aos juros das inscrições que não eram actualizados. Para fazer face às suas grandes despesas, que dia a dia aumentavam, era necessário recorrer à benemerência de benfeitores, por meio de uma circular, conseguindo donativos não inferiores a seiscentos escudos.

Comemorando o «Dia das Misericórdias», o grande órgão do jornalismo português, o «Diário de Notícias», teve a gentileza de oferecer, assim como para todas as Misericórdias do país, selos comemorativos desse mesmo dia, cuja venda foi feita por gentis meninas de Fão, rendendo uma receita de aproximadamente setecentos escudos. Logo no princípio daquela gerência, também recebeu a Santa casa, da sr.ª D. Amélia Dias dos Santos Lima, o importante legado de cinco mil escudos, em cumprimento da disposição verbal, sem encargos do seu nunca esquecido filho, sr. Dr. Henrique Barros Lima. Essa importância foi colocada num bilhete do Tesouro, a favor do asilo, cujos juros de 8%, bastante contribuiu diminuir o déficit do mesmo.

Para perpetuar a memória deste grande amigo do Hospital-Asilo, resolveu a Mesa, em sessão de 11 de Outubro de 1926, dar a uma das enfermarias o seu nome e lá mandar colocar uma fotografia.

Em 10 de dezembro de 1926, um ciclone acompanhado de uma pedraceira, destruiu quase por completo, partindo todos os vidros, o zímbario do edifício. Apesar dos prejuízos causados, parece que foi a providência que se encarregou de demonstrar, que a sua demolição se impunha, e era preciso substituir por uma clarabóia, visto que o zímbario estava a ser a ruína do edifício. Mas como fazer tais obras, que foram orçadas em cinco mil escudos, se tal quantia não existia?

Para resistir perante este problema, foi necessário recorrer ao Governo, pedindo um auxílio por intermédio do Administrador do Concelho, sr. Tenente Filipe Gonçalves, que ajudado pelo sr. dr. João de Barros, conseguiu uma verba, para o que também concorreu o sr. Capitão José Ribeiro Barbosa, Governador do Distrito.

Curiosamente, uma das coisas que não se pode deixar de referir é a Junta Geral do Distrito, que todos os anos enviava um subsídio entre 750 a 1000 escudos, o que porém veio atirar sérios embaraços.

Após o pedidode auxílio, o Governo resolveu ceder uma importante verba de 19 contos e seiscentos escudos, cuja qual foi en-

viada para a Assistência, onde veio a ser distribuída da seguinte forma:

Misericórdia	6.500 escudos
Hospital	6.500 escudos
Asilo	6.600 escudos

Havendo no Hospital-Asilo grande precisão de utensílios de cozinha, colchões, roupas de cama e principalmente água e luz; foi organizado um primeiro orçamento suplementar, que logo foi aprovado, consignando verbas, e também para a Capela da Misericórdia, onde existia urgentes reparações nos telhados.

Após as verbas disponíveis, foram elaborados alguns trabalhos de pintura nas janelas, nas portas do edifício e também na bandeira da Misericórdia, que costumava acompanhar seus «irmãos» até a sua última morada. Porém, tudo estava de acordo com o orçamento.

O depósito de água, também sofreu grandes reparações, pois estava completamente inutilizado, onde foi adaptado um motor de captação; e luz eléctrica, podendo-se assim afirmar que o edifício, tinha condições higiénicas para melhor poder cuidar de todos os doentes e asilados.

Para além dos trabalhos efectuados, simplesmente era necessário fazer uma lavagem de esquadria do edifício, pintura do gradil e portão, e outras reparações de menos importância, mas para cujas quais seria preciso verba orçamental, assim como para a compra de uma bandeira.

Pela verba B.ª P.ª, foram contemplados, naquele passado mês de abril de 1926, uns 80 pobres com esmolos de 2\$50 a 20\$00, tendo sido anteriormente contemplados outros, sem porém referir as constantes receitas, que se abonavam diariamente.

Como se pode verificar pelo «orçamento suplementar», quella verba era importante, existindo ainda um grande saldo disponível

para tal fim, estando aí patentes, os balancetes da receita e despesas destas instituições, daqueles últimos dois anos económicos.

As condições financeiras deste edifício, eram satisfatórias, devido ao Governo ter subsidiado com verbas, sendo de calcular que assim continuasse, para que desta forma houvesse uma equilibrada estabilidade.

Mas tudo viria a ficar melhor, quando com a autorização da portaria, de 1 de Março de 1928, publicada no «Diário do Governo», n.º 55-2.ª série, de 9 do mesmo mês, com a venda dos prédios, pertencentes à Santa Casa da Misericórdia.

Em Fevereiro de 1927, o secretário efectivo sr. Domingos alves dos Reis, alegando falta de saúde, pediu uma licença por tempo indeterminado. convidado, por ofício o substituto sr. João Dias dos Santos Borda, para assumir o cargo, também se viria a recusar, alegando de igual motivo. Tendo em vista um problema, a Mesa resolveu nomear inteiramente para exercer esse lugar, o vogal Ascânio Campos da Silva, que da melhor vontade o recebeu.

Para as vagas do sr. Ascânio e do sr. Júlio da Silva, Vilachã, que se ausentou para o Brasil, foram convidados os vogais substitutos srs. José Jesus do vale e Joaquim Pedrosa, que do mesmo modo viriam a aceitar.

Para terminar este relatório não se pode deixar de referir, o distinto médico, sr. Dr. João de Barros, a quem o Hospital-Asilo, tanto deve, pelos seus valiosos serviços clínicos prestados aos doentes, como também foi um auxiliar poderoso da direcção, estando sempre pronto a conseguir do Governo auxílios monetários, para que a economia não abalasse.

Provedor - J. J. Soares Estalislau; Secretário - Ascânio Campos da Silva; Tesoureiro - José Fernandes Gaifém; Vogais - Albino Torres e Manuel Gaifém.

Fão, sala de sessões da Santa Casa da Misericórdia, Hospital e Asilo anexos — 10 de Junho de 1928.

NOTAS — 1 - «Ecos da Beira Mar» - 1 anos; 2 - «Diário do Governo» 9 de Março, 1928 - n.º 55; 3 - Balancetes de receita e despesas.

Escrito e interpretado do original por José Maria Machado Vale.

Fão, 26 de Setembro de 1992.

 **Optica**
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Como já referimos, o Clube de Futebol de Fão tem feito uma preparação intensa neste início de época; vários foram os jogos já realizados e o curioso é que se não tinha sofrido até então qualquer derrota. Como no número anterior mencionámos, também nos restantes jogo efectuados, uns como amigáveis, outros já a contar para a época oficial, não sentiui esse desânimo.

E assim num torneio realizado, em Brufe (Famalicão), a equipa fangueira voltou a ser a vencedora. No primeiro jogo empatou a 3 golos com o Realense vencendo na marcação de grandes penalidades, e, na final, bateu a equipa de Gavião por 2 - 0.

Taça Associação de Futebol de Braga, primeira eliminatória S. Cosme do Vale, 1 - Fão, 2. A nossa equipa iniciou o jogo com os seguintes elementos: Carlos, Manuel Fernando, Paulo Eiras, Alexandre e Barcelista, Henrique, Sousa, Gonçalo e Didi, Mário e Brazuca. Jogaram ainda: José Luís e Agra, a substituir respectivamente, Gonçalo e Henrique. Suplentes não utilizados: Ruca, Pedras e Zezinho. O Clube de Futebol de Fão começou a partida muito bem, dando mostras de querer resolver a contenda a seu favor bem depressa. Só que o tempo foi passando e o golo não acontecia apesar de as ocasiões terem sido bastantes. Depois disto, aconteceu aquilo que ninguém esperava: a equipa da casa marcou primeiro e ao verem-se a ganhar a uma equipa da 1.ª Regional, os nossos adversários, que até pertencem à 3.ª Divisão Regional, empertigaram-se de tal maneira que os nossos jogadores sentiram tremendas dificuldades para empatar o jogo. E isso aconteceu já no declinar da partida. Seguiu-se um prolongamento de trinta minutos, como manda o regulamento, e, neste período os fangueiros dominaram e marcaram o golo decisivo. Podiam até ter marcado mais, tal foi a sua supremacia.

Perante um adversário que nesta altura do desafio perdeu a cabeça, pois dois dos seus elementos foram expulsos (e se o árbitro fosse um indivíduo à altura tinha posto na rua metade da equipa da casa tal era a pancadaria que eles davam). O jogo terminava sem aquele escuro de fim de tarde a aparecer, porque a Associação ao marcar para as cinco horas a 2.ª eliminatória da sua taça, esqueceu-se do que determina o seu regulamento: tudo tem que ficar decidido na 1.ª partida. E se tivesse que ser decidido por marcação de grandes penalidades? Por fim vamos sublinhar que não gostamos da sobranceria da equipa fangueira. Em determinadas ocasiões do encontro (que não pensem que já são os maiores) talvez por isso é que tiveram que suportar aquela meia hora extra.

Duas referências (sem melindre para os restantes) para Sousa que marcou os golos e falhou muitos mais, para Didi que, além da técnica apurada que todos lhe reconhecem, jogou com uma genica de espantar.

CAMPEONATO DA 1.ª DIVISÃO REGIONAL DE BRAGA

AVELEDA, 1 — FÃO, 2

Começar o campeonato com uma vitória fora de casa é uma maravilha e, a juntar a isso, uma boa exibição. E se tivermos em con-

ta que no período da partida em que o adversário tanto nos afligiu, a equipa fangueira apenas tinha dez elementos em campo, devido à expulsão de Mário, então é motivo para dizermos que agradou a toda a gente a humildade que os nossos jogadores demonstraram. É caso para se dizer que o jogo da Taça serviu de lição. Bem, mas os comentários sobre este encontro não são para críticas mas sim para elogios. e nem por Zezinho e Didi terem sido os marcadores dos golos, serão mais enaltecidos que os outros elementos da equipa. Foi muito bom mas não vamos entrar em euforias exageradas ao dizermos ou repetirmos que o C. F. de Fão vai lutar pelos lugares cimeiros deste campeonato.

Na próxima jornada recebemos o Apúlia. com o devido respeito que nos merecem os nossos vizinhos, isso não vai impedir-nos de dizer que em Fão mandam os que cá estão.

ANDEBOL

No número anterior abordámos um assunto bastante melindroso que é a actividade desportiva dos nossos adolescentes fora de Fão, exceptuando a canoagem. Pois se alguém ficou melindrado com isso, não lamentámos pois a nossa intenção não era criticar mas sim alertar, e por isso ficamos muito satisfeitos quando alguém nos deu a novidade, de que de entre os jovens fangueiros que praticam andebol, em Esposende, dois deles foram transferidos para o Sporting de Braga: Luís Pereira e Miguel Solinho ficam engrandecidos desportivamente com esta oportunidade que lhes foi dada. O Esposende Handebol fica desfalcado de dois bons elementos, mas também fica de parabéns por que lhes proporcionou essa distinção. O grande obreiro desta modalidade, Prof. Manuel Ribeiro, está também compensado pelo carinho que tem dedicado aos jovens.

CANOAGEM

Campeonato Nacional de Regatas em Linha (Melres)

Seniores: K4-500 m - B. Penetra/L. Sousa/L. Faria/L. Penetra, 2.º; K1-500 m - Luís Sousa, 4.º; C1-500 m - João Araújo, 2.º; K2-500 m - Luís Faria/Lázaro Penetra, 4.º; C2-500 m - Carlos Vieira/João Araújo, 1.º; K1-1000 m - Belmiro Penetra, 3.º; C1-100 m - Carlos Vieira, 2.º; K2-1000 m - António/Roxo/João Anunciação, 7.º; C2-1000 m - Carlos Vieira/João Araújo, 1.º; K4-1000 m - B. Penetra/L. Sousa/L. Faria/L. Penetra, 1.º; C2-10.000 m - Carlos Vieira/João Araújo, 1.º; 10.000 m - António Ferreira, 6.º; K4-10.000 m - B. Penetra/L. Sousa/L. Faria/L. Penetra, 2.º; K2-10.000 m - João Anunciação/António Roxo, 5.º.

Juniões: C1-500 m - António Ferreira, 5.º; C1-1000 m - António Ferreira, 3.º; C1-10.000 m - António Ferreira, 3.º.

Cadetes: K1-500 m - Miguel Pedras, 2.º; C1-500 m - José Serra, 5.º; K2-500 m - João Santos/Pedro Silva, 3.º; K4-500 m - M. Pedras/J. Santos/P. Silva/J. Ferreira, 2.º; K4-5000 m - M. Pedras/J. Santos/P. Silva/J. Ferreira, 2.º.

Infantis: K2-500 m - Luís Coelho/João Jesus, 4.º; K2-5000 m - Luís Coelho/João Jesus, 3.º.

Classificação por clubes: 4.º.

Campeonato Nacional de Maratonas

Maratona de Prado (C.N.M. 92/I) — K2 Seniores: Luíã faria/Lázaro Penetra, 4.º; António Roxo/António Ferreira, 11.º. K1 Seniores: João Araújo, 1.º; Gustavo Costa, 16.º. C1 Seniores: Carlos Vieira, 2.º. Resultado por clubes, 9.º.

Maratona de Crestuma (C.N.M. 92/III) — K2 Seniores: António Roxo/João Anunciação, 3.º. C2 Seniores: António Ferreira/António Ferreira, 2.º. K1 Seniores: Luís Sousa, 6.º. C1 Seniores: Carlos Vieira, 3.º. Resultado por clubes, 5.º. Resultado por clubes (final), 6.º.

Campeonato Nacional de Promessas

I (Vila Nova de Cerveira) — K2 cadetes: João Santos/Pedro Silva, 7.º. K2 Infantis: Luís Coelho/João Jesus, 4.º. K1 Cadetes: Miguel Pedras, 3.º; João Ferreira, 10.º; José Serra, 14.º. Resultado por clubes, 9.º.

III (Ois da Ribeira - Águeda) — K2 Cadetes: João Santos/Pedro Silva, 2.º. K2 Infantis: L. Coelho/João Jesus, 4.º. K1 Cadetes: Miguel Pedras, 2.º; João Ferreira, 11.º. C1 Cadetes: José Serra, 3.º. Resultado por clubes, 4.º.

Final — K2 Cadetes: João Santos/Pedro Silva, 4.º. K2 Infantis: Luís Coelho/João Jesus, 4.º. K1 Cadetes: Miguel Pedras, 3.º; João Ferreira, 12.º. C1 Cadetes: José Serra, 4.º. Resultado por clubes, 8.º.

TÊNIS DE MESA

Torneio de abertura

Esta Delegação vai realizar no próximo dia 17 de Outubro, pelas 14 h, no Pavilhão Gimnodesportivo de Guimarães, o *Torneio de Abertura de Ténis de Mesa*, sendo esta prova extensiva a atletas não associados.

Assim, os interessados devem atender ao seguinte;

1. — O Torneio destina-se a atletas masculinos dos seguintes escalões: cadetes, juniores, seniores e veteranos.

As atletas femininas participam num escalão único.

2. — Os centros ou Clubes interessados poderão inscrever um número ilimitado de atletas.

3. — O Regulamento Técnico é o das Competições Oficiais.

4. — *Inscrições* — deverão dar entrada nesta Delegação, sita na Av. Central, 77 - 4700 Braga, até ao dia 13 de Outubro, em papel timbrado do centro ou Clube, com a relação dos atletas e dirigentes.

5. — O Calendário/horário dos jogos será afixado 30 m antes do início da prova, no local onde a mesma se realiza.

6. — A contagem dos jogos, assim como a respectiva arbitragem serão da responsabilidade dos Centros ou Clubes inscritos, cabendo-lhes indicar um elemento credenciado e que não participe competitivamente no Torneio.

7. — Os atletas deverão ser portadores do respectivo material: raquetes e bolas.

8. — Os atletas deverão apresentar-se devidamente equipados conforme determina o regulamento e, serem portadores do respectivo Bilhete de Identidade para se identificarem em caso de dúvida.

9. — *Prémios por escalão* — Taça — do 1.º ao 3.º classificado; *Medalhões* — para os 4.º e 5.º classificados.

10. — Os casos omissos serão resolvidos pela Organização, não havendo recurso das suas decisões.

Braga, 24 de Setembro de 1992.

VIDA ROTÁRIA

(Continuado da pág. 12)

Céu cinzento e do rio subia lenta uma neblina diáfana até ao alto da cidade. À memória vinham Fernão Lopes e D. João I na visita à cidade engalanada para o receber. Olhada do meio do rio, a cidade toma outra cor, outra majestade dada pelo tempo. As casas trepam pela encosta acima, aconchegando-se umas às outras com medo de cair. Mais além, já ao sair da Ribeira, o panorama alarga-se para uma e outra margem.

Crestuma aproxima-se. É espectacular a passagem da «eclusa»: o barco praticamente encostado aos enormes paredões de cimento eleva-se suavemente impellido pelos bolhões de água rebentando dos fundos da represa. Lá do alto, debruçadas da amurada, algumas dezenas de pessoas assistiam atentas à manobra.

É de novo o rio se abria largo à nossa frente. Agora na coberta dançava-se e cantava-se, que o dia era de festa. Dum e doutro lado do rio, a paisagem ia sendo cada vez mais rica e maravilhosa nos tons coloridos de princípios de Outono.

No Carrapatelo, o barco sobe emparelhado entre monstros de cimento vinte e cinco metros que poem na espinha estremecimentos inquietantes.

Logo depois foi servido com gosto e esmero o almoço a bordo. A viagem continuava vagarosa e bela; agora eram «As Cidades e as Serras», eram os bandos de arvoredo descendo lá do alto ao lado da escadaria de vinhedos saltando de socalco em socalco até à lombada dos montes. Eram o verde macio dos campos

onde, no dizer do Eça apetecia cair e rolar.

Pouco depois, a Régua aparecia lá ao longe encostada à curva do grande «Esse» ali formado pelo rio e onde a Casa do Douro se ergue imponente.

Uma volta pela cidade e no anoitecer de um dia bem passado e retorno ao Porto de comboio.

A.R.

«APOIO BALÍSTICO»

No número anterior, quando nos referimos às duas cabines telefónicas que o nosso conterrâneo António Devesas Sá Pereira ofereceu à sua terra, afirmámos que uma das cabines já fora colocada no Largo da Praça e que o próprio Director Geral do Telecom Eng. José Areia havia dado todo o apoio balístico. Esta expressão escolhida por brincalhotice, para acentuar uma pretensa animosidade entre Fão e Esposende. Balístico, balas, enfim, foi uma maneira de «pegar» com este ilustre esposendense de quem fomos companheiro num célebre quinto ano do colégio Infante de Sagres.

Quem não achou graça nenhuma foi a nossa Chefe de Redacção dr.^a Maria Emília Corte Real que nos «obrigou» a pedir desculpa àquele responsável máximo do Telecom.

É o que estamos a fazer agora, na certeza que o Eng. José Areia compreendeu a nossa intenção onde não houve o propósito de «arranhar».

O MOINHO DA SAUDADE

A idade dos sessenta, é talvez a idade em que as pessoas deixam de sonhar, para apenas recordar.

Recordar a sua infância, a adolescência, enfim tudo o que ficou para trás.

Alegrias e tristezas, sacrifícios e desilusões, enfim, de tudo um pouco daquilo que faz parte da vida.

Mas uma das coisas que nos sensibiliza bastante, são os lugares onde brincámos e que de alguma forma nos faz recuar no tempo quando os visitamos.

Pode ser um velho caminho ladeado de silvas, onde nós em crianças colhámos amoras, ou uma parede musgosa de alguma velha construção, que nos leva a um passado não muito distante, mas que nos faz recordar os sonhos que em nossas mentes de criança alimentávamos.

Há dias, movido por esse sentimento de saudade, fui visitar alguns dos lugares aos quais a minha infância estava ligada. Cheguei ao lugar de S. Paio, onde ainda há meia centena de anos existiam as ruínas da capela em honra do santo Padroeiro.

Há muito que os antigos proprietários do terreno venderam as cantarias e o brasão que faziam parte da sua fachada.

Mas procurei mais atentamente e posso afirmar que ainda restam bastantes testemunhos da existência dessa capela, como seja parte da parede do que teria sido a sacristia que eu ainda conhecia em criança.

(Continua na pág. 2)

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vossa coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 3.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Esta edição não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 3.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua do Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
B.M.P. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO ESPARGO

(Continuado do número anterior)

Nos maiores países produtores, as variedades são agrupadas segundo diversas características: maior ou menor precocidade, coloração dos «turiões», resistência a enfermidades, nomeadamente à ferrugem (*Puccinia asparagi*), etc.

Entre as variedades mais difundidas figuram:

Aranjuez — Variedade espanhola muito cultivada. Crê-se que é derivada de uma variedade holandesa. Pertence ao grupo dos espargos verdes. «Turiões» grossos, muito carnudos e de paladar agradável, embora de base um tanto dura. Após a exposição ao sol ficam brancos, com a extremidade superior de coloração verde-pálido.

Argenteuil — Também denominada *Rosa Llerault*. É a variedade mais cultivada em todo o Mundo e praticamente a única em cultura no nosso país. Pertence ao grupo dos espargos verdes. Em regra, reconhecem-se três subvariedades: precoces, médias e tardias. A extremidade superior do «turião» é purpúrea antes da exposição aos raios solares, adquirindo depois uma coloração verde intensa. Pelos «turiões» grossos, de ponta arredondada, bom tamanho, sem fibra e de sabor delicado, é uma variedade eminentemente de características comerciais. Suporta bastante bem o transporte. As «garras» obtidas de semente podem ser plantadas na Primavera do 2.º ano.

Branco da Holanda (ou *Espargo da Holanda*) — Variedade bastante rústica.

Produz «turiões» grossos, cilíndricos, com a ponta arredondada e violácea antes da exposição ao sol. Após sofrerem a acção da luz tornam-se esbranquiçados ou verde-claro. Boa qualidade.

Branco de Saragoça — Outra variedade espanhola pertencente ao grupo dos espargos brancos. Muito cultivada na região de Saragoça.

Comum (ou *Verde* ou *d'Aubervilliers*) — Produz «turiões» finos, verdes e de bom paladar. Muito parecida com o espargo silvestre. Tinge rapidamente de verde e possui o gosto a asparagina bastante intenso.

Conover Colossal — Pertence ao grupo dos espargos brancos. Produz «turiões» muito tenros e grandes, com coloração violeta ou avermelhada antes da exposição à luz solar, tornando-se depois verde-claro ou mesmo esbranquiçada.

Espargo Roxo — Variedade espanhola, pertencente ao grupo dos espargos brancos, muito cultivada na província de Navarra.

Larac — Variedade híbrida, desenvolvida em França. Precocidade. «Turiões» de tamanho médio, muito bem formados e de óptima qualidade. Bom rendimento. Prefere solos ligeiros e é bastante exigente em água e elementos nutritivos.

Lorella — Variedade resistente à ferrugem. Produz «turiões» grossos e de óptimo sabor.

Mamouth White — Características semelhantes às da variedade *Branco da Holanda*.

Martba Washington — Variedade americana resistente à ferrugem. Pertence ao grupo dos espargos verdes. Produz «turiões» sem fibra, de coloração purpúrea que se coram de verde-escuro quan-

do expostos à luz solar. Variedade também muito cultivada no Brasil. Óptimas qualidades para a industrialização. Pode conservar-se em salmoura ou por submissão a baixas temperaturas.

Mary Washington — Características semelhantes à anterior mas com a produção de «turiões» sensivelmente maiores.

Palmetto — «Turiões» com coloração purpúrea. Pela acção da luz solar tornam-se verde-escuro.

Ulm (ou *da Alemanha*) — Também pertence ao grupo dos espargos verdes. «Turiões» grandes e de muito bom paladar. Variedade bastante cultivada no país vizinho.

As variedades mais cultivadas em Espanha para a produção de espargos brancos são: Darbonne 3, Darbonne 4, Argenteuil precoce, Argenteuil tardio, Lorella, Branco de Navarra, Conover colossal, Branco de Saragoça e Branco de Tudella, além de outras ocupando áreas mais restritas. Nos espargos verdes merecem destaque a Darbonne Verde, Mary Washington, Triguero, Verde da Califórnia e Washington Verde. Ainda em Espanha, entre as variedades mais escolhidas para as explorações mecanizadas figuram a Darbonne 3, Darbonne 4, Argenteuil, Branco de Navarra e as Norte, Sul e Branco de Tudella. As variedades Norte e Sul são híbridos obtidos em Espanha há relativamente pouco tempo. Nesse país começam já a aparecer alguns híbridos americanos, como o UC-157.

(Continua no próximo número)



Basta[®]

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo
na agricultura



Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Alvara n.º 1436

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

VIDA ROTÁRIA

VISITA DO GOVERNADOR DO DISTRITO ROTÁRIO

No dia 2 do corrente mês visitou o Rotary Clube, de Esposende, o Governador Manuel Cepeda. Rotários de Clubes vizinhos, autoridades civis, militares e religiosas e um grande número de senhores emprestaram a essa reunião um ar ainda mais festivo.

Após as cerimónias protocolares próprias de qualquer reunião rotária, o Presidente do clube e sua esposa ofertaram ao Governador e esposa uma lembrança desta sua visita.

Terminado o jantar, e antes da intervenção final do Governador, efectuou-se uma passagem de modelos de traje vianense nas suas variedades de trabalho, namoro, senhora e mordoma, devidamente comentados por um companheiro do Rotary Clube de Viana do Castelo. Após o desfile actuou o Rancho Folclórico de Apúlia.

A reunião terminou com a alocação do Governador apontando para os objectivos de Rotary que nunca devem ser esquecidos na vida de todos os dias.

O Presidente do Rotary Clube de Esposende merece uma palavra de parabéns pela magnífica organização desta visita e pela gentileza que ele e sua esposa e filha mostraram na oferta duma lembrança a cada um dos presentes.

PAGARAM A ASSINATURA

(Continuado da pág. 2)

1991/92/93 — Ricardó Alves da Silva, França, 3000\$00. 1992 — Eng.º José Carlos Mariz Dias Ferreira, Lisboa, 1000\$00; Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira, Porto, 1000\$00; Dr. Fernando Mariz Dias Ferreira, Porto, 1000\$00; Sebastião Moutinho, Porto, 2000\$00; João Mendanha Rodrigues da Cruz, Lisboa, 750\$00; Paulo Germano do Vale Sobral, Estoril, 750\$00; D. Aida Teixeira Dias de Araújo, Fão, 750\$00; Abílio Martins Sobral, França, 1000\$00; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 750\$00; Manuel de Sá Pereira, Estoril, 750\$00; João Maria Ferreira Ribeiro, Suíça, 2000\$00; António Luís Jácome, Braga, 1000\$00; José Capitão Neto, Bélgica, 1000\$00; Domingos Morais da Silva, França, 1000\$00; Manuel Vale de Sousa, França, 1000\$00; Venceslau Anselmo Rodrigues, Almada, 1000\$00; Manuel Ferreira do Vale, Fão, 750\$00; Luís Morais da Silva, Porto, 750\$00; D. M.ª Adelaide Gonçalves Morim, Fão, 750\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 1000\$00; Manuel Lopes Gafém, Alemanba, 1000\$00; Prof. D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues, Fão, 1000\$00; D. Adelaide Costa Sobral, Gaia, 1500\$00; Carlos Artur Ferreira Graça, França, 1000\$00; António Gaia, Porto, 750\$00; Abano Silva, Fão, 750\$00; Dr. António Ferreira Brito, Porto, 1500\$00; Dr. Joaquim Barros Peixoto, Esposende, 2000\$00; José Maria da Costa Leite, Guimarães, 1000\$00; José Oliveira Faria, França, 1000\$00; Eng.º Lauro Adalberto Vinha Novais, Porto, 1500\$00; António Torres, 2500\$00; Julieta Torres, 1000\$00; Manuel Morais, 1000\$00; Manuel Lemos, 1000\$00; Maximiano Calafate, 1000\$00; Angelino Gomes Maciel, 1000\$00; Adelino Fonseca Saraiva, 1000\$00; Eng. Joaquim Ant. Silva Pinto, 2000\$00; José Valdemar Faria, Fão, 750\$00; D. Leurentina Ribeiro da Silva, Fão, 750\$00; Amândio Ferreira, França, 1000\$00; Manuel de Sousa, França, 1000\$00; Eng.º Manuel Malafaia Batista, Porto, 1000\$00.

FALECIMENTO

Causou grande consternação na nossa terra a morte do conterrâneo Cândido Lavandeira do Monte, ocorrido em condições verdadeiramente lamentáveis.

Ao que nos disseram, o Cândido seguia de noite para o Porto, a fim de esperar uma filha que vinha da Covilhã. À sua frente ia um automóvel que tentava passar um camião, mas o condutor deste não facilitava a manobra. No lugar da Estela, o motorista do carro ligeiro, que era um polícia, conseguiu uma «aberta» mas parou logo à frente para pedir explicações ao «chauffeur» do camião. Os dois veículos ficaram na estrada parados sem qualquer sinalização, enquanto os condutores discutiam. Nisto surge o Cândido Lavandeiras que sem qualquer visibilidade enfia o seu automóvel debaixo do carro pesado. Teve morte instantânea e uma filha que o acompanhava sofreu várias escoriações, mas escapou.

Toda a gente lamentou a morte do filho do «Tenente» que era serralheiro e um moiro de trabalho. Vivia quase exclusivamente para o estudo das suas três filhas. A mais velha, Ana Paula, aquela que o pai ia esperar, passou para o quinto ano de Gestão de Empresas da Universidade da Covilhã. Por seu lado, a do meio, Ivone de seu nome, conseguiu entrar este ano na mesma universidade e vai beneficiar do auxílio da irmã que conseguiu este ano uma bolsa de estudos. Claro que, sem o pai vivo, as coisas vão tornar-se mais difíceis mas elas vão vencer e serão o amparo de uma terceira irmã que está no Ciclo.

As Pedreiras, ou antes, as suas gentes terão, uma palavra a dizer. São três irmãs muito estudiosas que merecem ser ajudadas.

RECORDAÇÕES D'ANTANHO

*Vêm-Te linda, ó terra,
quando iluminas velhas imagens
que rabiscam na tua gente
poesias, como esta, em garatujas,
ou outras literaturas eruditas,
que a nocturna brisa transporta
suave e terna para todos os confins
por muitos anos, decénios, séculos
e que entoam muito melodiosamente
por todos esses cantos do mundo:
— Ó... antigo, torrãozinho sem igual...*

*Recordam-Te, ó torrão, as gentes
nos teus múltiplos usos e costumes
e as revistas que nos faziam contentes.
O chilrear onomatopeico das torneiras
até esbordar o «chilriu» do carrascão
com bolbinhas na malga ou na caneca
de tinto perfumado de pura casta
a escorregar nas sedentas goelas
naquele sagrado recanto escondidinho
após cavar um longo Sol, um pescador;
e, enquanto um híbrido canário «dobrava»
e uma viola tocava
e uma guitarra trinava
lindo rosto de gente sofria
e as lágrimas derramava
e a espontânea fadista «cantava»
com lágrimas nos olhos dos outros;
... tristezas não pagam dívidas...
e alguém à lareira, cansada, a esperar,
com a gente a retardar
e a fogueira a se apagar.
Mas, ai quanta sede Deus do Céu.*

CASANOVA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - EÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.º classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boíte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

A DESFOLHADA...

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Dentro do mesmo espírito de colaboração, realizou-se, no dia 21 de Setembro, na propriedade do Sr. José Mena, a tradicional desfolhada.

Com menos afluência do que nos anos anteriores, as espigas foram-se amontoando nos cestos, graças a um grupo de pessoas dispostas a dar tudo por tudo para que o milho fosse todo descamisado.

A chovia podia cair que não nos incomodava.

Foi pena que a desfolhada não fôsse mais divulgada.

Muitas pessoas não foram porque não tiveram conhecimento da sua realização.

No entanto, o grupo que foi deu o seu contributo, conviveu alegremente, até às 20 horas e prometeu ir para o



Um aspecto da desfolhada

E assim foi! Às 18 horas a tarefa acabou e então começou a chegar até nós o cheiro da sardinha assada.

Entretanto, os filhos do Senhor Mena já tinham enchido as malgas de bom vinho novo, que fazia estalos na língua...

A broa quente que acabara de chegar, despertava em nós o apetite de a comer e acompanhá-la com as sardinhas que iam sendo assadas, no terreiro. Uma delícia!...

Como é habitual, a dona da casa ofereceu as suas habituais bolas com sardinhas assadas no forno, que foram muito apreciadas.

Tudo muito bom e servido com a mesma simplicidade e simpatia de sempre.

Havia um forte motivo que a fazia feliz. Tinha um netinho encantador, de poucos meses, que era e é o encanto da família.

Estavam ainda de parabéns os donos da casa porque quando lá chegamos, tivemos o grato prazer de ver um bellissimo armazém, amplo e acolbedor:

ano. Como sempre o senhor Duarte, incansável, lá foi arranjar as sardinhas e avisar algumas pessoas, para que a festa tivesse a presença de pessoas ligadas à Cooperativa.

Deus queira que para o ano a afluência seja maior.

VIDA ROTÁRIA

ROTARY CLUBE DE ESPOSENDE SOBE O DOURO

Dia 26 de Setembro, manhã cedo, o Rotary Clube de Esposende parte para o Porto, para a Ribeira portuense. Desta vez as palavras, os planos tornaram-se realidade: íamos subir, de barco, o rio até à Régua.

(Continua na pág. 8)

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO

SE É QUE SE PRETENDE...

Bem ou mal, mas mais mal que bem, o «coimboio» existe e está instalado na antiga Alameda. Não recebeu o nosso aval, mas existe. Temos então que ser realistas.

Estão programadas 24 salas mais um restaurante e uma residencial. O futuro de Fão, centro, está ali ou pode estar, no ponto de vista económico.

No entanto, não se está a fazer o máximo para se extrair maior rendibilidade possível do local. Ora vejamos ou veja-se o Continente, supermercado, e outros estabelecimentos similares. Qual foi a coisa primeira pensada pelos seus responsáveis? Foi sem dúvida arranjar local para o estacionamento dos automóveis. O que foi que fizeram em Fão frente às dez lojas que já existem no local? Foi colocar um passeio, bizarramente concebido, e que dificulta ou impede o estacionamento dos veículos. Foi sem dúvida uma coisa mal pensada pela JAE. E as coisas mal pensadas ou mal concebidas têm emenda, às vezes. Neste caso tem. Que emenda? Retirar o passeio para os automóveis entrarem no local que lhes está destinado. se é que se pretende que a terra vá para a frente.

DOENTE

Foi operado de urgência numa casa de saúde de Braga o nosso conterrâneo Manuel Faria Solinho, funcionário superior do Ministério das Finanças.

O mau tempo já lá vai e o nosso amigo, depois da fase crítica, já arribou.

Folgamos com o seu restabelecimento.